



SABER POPULAR: USOS PARA ENSINO DE HISTÓRIA.

GATINHO, Alex Willamy Macambira
Universidade Regional do Cariri - URCA
alex.gatinho@urca.br

SOARES, Alline Bezerra
Universidade Regional do Cariri - URCA
Alline.bezerra@urca.br

SILVA, Laura
Universidade Regional do Cariri - URCA
Laura.stephany@urca.br

Financiamento: Capes

RESUMO

Este artigo relata uma aula/oficina chamada "Saberes e memórias através das ervas medicinais", realizada por bolsistas PIBID do subprojeto de História da Universidade Regional do Cariri-URCA, na E.E.M.T.I. Tiradentes em Juazeiro do Norte. Discute a importância da integração dos saberes populares, especialmente nas práticas de cura, promovendo a disseminação de conhecimentos não acadêmicos. O projeto busca criar oportunidades para que os estudantes desenvolvam atividades educativas que aproxime esses saberes, reconhecendo suas diferentes origens e conectando os alunos a essas tradições culturais. A metodologia incluiu uma oficina prática focada na preparação de chás pelos alunos, buscando despertar o interesse pelos saberes populares. O projeto destaca a relevância dessas práticas de cura tanto cultural quanto cientificamente, contribuindo para uma educação mais inclusiva e sensível à diversidade de conhecimentos na sociedade.

Palavras-chave: Saber popular. PIBID. Educação.

1 INTRODUÇÃO

O debate em torno das práticas de cura e sua relevância contemporânea emerge da expansão de recursos, fontes e perspectivas viáveis para pesquisar este assunto, aliada à contribuição dos estudantes com seus entendimentos e sabedorias acerca do passado,



advindos de suas vivências (Ferreira, 2018). Nesse contexto, torna-se inadmissível a persistência em um ensino que segregue essas vivências e conhecimentos. Em sala de aula, o educador deve promover em um diálogo pluriépistêmico dos conhecimentos e tradições populares, promovendo iniciativas que incorporem diversas fontes de conhecimento.

Seguindo as premissas de uma educação crítica mencionadas anteriormente, o subprojeto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, associado à Universidade Regional do Cariri- URCA, foi pensado. Denominado como "Ensino de história e saberes tradicionais", o projeto tem proporcionado espaços para discussões amplas sobre os temas pertinentes no âmbito acadêmico entre os graduandos e, especialmente, entre os bolsistas.

Os graduandos, em sua prática pedagógica, têm como objetivo primordial desenvolver aulas/oficinas e didáticas que sirvam como um campo de influência, aproximando os conhecimentos gerados em ambientes não tradicionais, como os terreiros, por exemplo, onde se manifestam saberes e práticas ancestrais, incluindo rituais, danças, cosmovisões e tradições orais. Assim, a fim de reconhecer as diversas origens epistêmicas do saber, a prática do PIBID objetiva despertar nos alunos uma identificação com essas heranças que ainda ecoam na sociedade contemporânea.

2 DESENVOLVIMENTO

A fim de compreender do que se tratam os saberes populares, foi necessário estabelecer uma relação com os conhecimentos prévios dos estudantes e o conhecimento teórico estudados pelos *pibidianos*. Sendo assim, esses conhecimentos são elaborados por grupos fundamentados na experimentação e, majoritariamente, difundidos por meio da tradição oral.

Neste caso, a oralidade tem como função preservar esse conhecimento, mantendo viva a memória e ancestralidade desses grupos, visto que muitas sociedades conseguiram preservar a sua cultura, e, conseqüentemente, deixaram um rico legado de saberes, crenças e tradições (Bussato, 2003).



A prática de cura das Rezadeiras e Meizinheiras, sujeitas ressaltadas durante a aula oficina, caracteriza-se além do benzimento, designado geralmente como cura espiritual, corresponde também a cura por meio de ervas medicinais difundidas em lambedor, garrafadas e chás, que unidos às rezas populares são comumente desconsideradas em relação ao conhecimento científico medicinal, habitualmente considerado hegemônico e superior.

Uma das principais razões para essa desvalorização do saber popular em favor do saber científico é a busca pela eficácia e segurança na medicina. O conhecimento científico é frequentemente preferido quando se trata de decisões de saúde. E, para ilustrar essa preferência e tornar didática a compreensão durante a aula/oficina, foi feita a seguinte pergunta: Quando vocês estão doentes, procuram um remédio na farmácia ou bebem o chá para tratar tal enfermidade?

A desvalorização do saber popular, incluindo o uso de chás medicinais, pode ter implicações negativas. Muitas comunidades ao redor do mundo têm tradições ancestrais de medicina à base de plantas e chás. Ignorar ou menosprezar essas práticas pode levar à perda de conhecimentos valiosos e à marginalização de grupos culturais. Portanto, é essencial reconhecer a importância dessas práticas de cura.

O objetivo da aula/oficina propunha a implementação educativa de uma construção coletiva do significado dos saberes populares. Acreditando que levar em conta os relatos e as experiências instigaram a memória desses discentes de maneira que se fossem situados no conteúdo trabalhado, gerando um intercâmbio enriquecedor de conhecimentos, permitindo a construção de um saber coletivo.

O roteiro foi demarcado em 7 momentos distintos; contextualização inicial, contato com as ervas, preparação dos chá, memórias e discussão acerca da utilização dos chás, saberes populares, saberes populares do Cariri e feedback oral.

O contato com as ervas trazidas pelos *Pibidianos* (camomila, hortelã, eucalipto, hibisco), estimulou a troca de experiências enriquecedora seguida pela preparação dos chás que desencadeou em um espaço para instigação da memória e afetividade. Seguido pela exposição do conteúdo teórico a partir de falas feitas pelos *Pibidianos*: O que são os



saberes populares e saberes populares do Cariri (rezadeiras e mezinheiras). A aula/oficina realizou-se no ambiente externo da sala de aula, um lugar arborizado, transmitindo leveza e fluidez ao encontro, desencadeando uma maior interação dos alunos com o meio.

A apresentação inicial constou da explicação do tema central, repasse de informações sobre a programação da oficina e apresentação formal dos *Pibidianos*. Nesse momento, foi criada uma relação de abertura para o contexto posterior a se realizar, a exposição das ervas, feito esse, que se constituiu no contato direto dos estudantes com as plantas, levando-os a ativar as memórias afetivas através dos sentidos do olfato e tato que foram estimulados concomitantemente com a interação. Assim, a dinâmica de reconhecimento aconteceu exatamente da forma como foi elaborada no plano da oficina.

Logo em seguida, ocorreu o diálogo baseado na memória e familiarização dos alunos com as ervas, de maneira delicada e especial. Diversos relatos foram sendo expostos pelos os alunos, destacando-se dois dissertados com nomes fictícios: João, “sou de família indígena e essas práticas de cura sempre foram realizadas pela a minha avó lá em casa”; Rita, “Esses chazinhos lembram a renovação da casa de vóinha”. Esses relatos foram provocados pela seguinte pergunta: O que você lembrou ao realizar e sentir o cheiro do chá? E a partir dessa provocação, o diálogo seguiu naturalmente e, mais uma vez, a memória foi ativada e os demais comentários e respostas foram voltadas para a presença e contato com os saberes populares no decorrer das suas vidas.

Os depoimentos que os alunos trouxeram nesse contexto evidenciaram a profunda conexão entre a memória afetiva e os saberes populares. Cada relato de experiência pessoal esteve intrinsecamente enraizado em suas vivências familiares, demonstrando assim, que os saberes populares se perpetuam ainda hoje e estão próximos a estes alunos.

A atividade avaliativa consistiu em um feedback oral, para isso foram criadas perguntas geradoras sobre as quais os alunos deveriam responder e complementar com algum ponto de vista adicional sobre a experiência com a oficina. Nesse momento, notou-se um pouco de timidez por parte deles, mas as respostas foram satisfatórias. Nelas estavam presentes o reconhecimento dos saberes populares no seu cotidiano, a



compreensão da sua importância na sociedade e a importância da preservação desses saberes

3 CONCLUSÃO

A aula/oficina sobre chás, parte do Programa PIBID, visou promover aprendizado através da vivência e questionar estereótipos sobre conhecimentos populares frequentemente rotulados como infundados e supersticiosos. Destacou-se a importância de explorar diferentes sabedorias para formação identitária dos discentes.

Este estudo também evidenciou a importância de oferecer aos alunos a chance de explorar e compreender as múltiplas sabedorias que moldam suas visões de mundo. Em um cenário ideal, a escola desempenharia o papel de intermediária entre essas sabedorias, fomentando um diálogo construtivo entre educadores e educandos, o que permitiria a negociação de significados e a convivência harmoniosa de diferentes formas de saber.

Assim, a aula/oficina sobre chás medicinais, utilizada como estratégia pedagógica neste relato, exemplifica como a experiência pode ser empregada como ferramenta de aprendizagem. Essa abordagem pedagógica não apenas enriquece a formação dos alunos, mas também contribui para a construção de uma educação mais inclusiva, interdisciplinar e sensível às diversas formas de conhecimento que permeiam nossa sociedade.

4 REFERÊNCIAS

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos grandes segredos da narrativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

FERREIRA, Rodrigo de Almeida. **Qual a relação entre a história pública e o ensino de História?** In: MAUAD, Ana Maria et al. (org.). **Que história pública queremos?** São Paulo: Letra e Voz, 2018.